

Adultização de crianças em Escolas Públicas no Município de Picos-PI**Adultization of children in Public Schools in the Municipality of Picos-PI**

DOI:10.34117/bjdv6n10-570

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 26/10/2020

Bruna da Silva Araújo Mourão

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI, 64600-000
E-mail: brunaadm2015@outlook.com

Francisco José Dias da Silva

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor do Curso de Pedagogia e Licenciaturas, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI, 64600-000
E-mail: franjosedias@gmail.com

Gabriel Eidelwein Silveira

Doutor em Sociologia, Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, coordenador do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Estado Democrático e Sociedade Contemporânea – NEPES
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Ininga, Teresina - PI, 64049-550
E-mail: professor.gabriel@ufpi.edu.br

Deusilande Muniz Deusará Luz

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinar PPGFPPI – UPE, Docente da Rede Estadual SEDUC-PI, Professora Substituta da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI, 64600-000
E-mail: deusilande@gmail.com

Monica Pagel Eidelwein

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc – UFRGS, Docente Convidada Especialização em Psicopedagogia Feevale - Novo Hamburgo/RS e LaSalle Canoas/RS
E-mail: monicapagel@yahoo.com.br

Carlito Lins de Almeida Filho

Graduado em Ciências Sociais, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI Universidade Federal do Piauí – UFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Ininga, Teresina - PI, 64049-550
E-mail: ito.taichou@gmail.com

Edison Ferney Castrillón Angel

Mestre em processos de ensino e aprendizagem de línguas, Professor e pesquisador da Universidad Católica Luis Amigó, sede Medellín. Vereda la Matica - Girardota - Antioquia - Colômbia
E-mail: edison.castrillonan@amigo.edu.com

José Rodrigues do Nascimento

Graduando em Física pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde – CCTS – Araruna – PB, 58233- 000
E-mail: jose.rodrigues.geo@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise de como a temática da adultização infantil vem sendo percebida por docentes em três escolas municipais de Picos, Estado do Piauí. Toma como referência a realidade de estudantes dessas escolas, procurando responder ao questionamento: quais os fatores estão contribuindo para a perda da infância?

Palavras-chave: Educação Infantil, Adultização, Educação Pedagógica, Ensino, Escola.

ABSTRACT

This article aims to present an analysis of how the theme of child adultization has been perceived by teachers in three municipal schools in Picos, State of Piauí. It takes as a reference the reality of students from these schools, seeking to answer the question: what factors are contributing to the loss of childhood?

Keywords: Child education, Adultization, Pedagogical Education, Teaching, School.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças na sociedade brasileira, sociais e/ou econômicas, que ocorrem nas diversas áreas das relações social, sobretudo na educação, vêm sendo objeto de discussão pelos que fazem o processo educativo, trazendo muitos questionamentos aos sujeitos envolvidos, fazendo-nos refletir sobre a situação com a qual estamos lidando, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal e educacional das nossas crianças.

Neste cenário, a preocupação em dar respostas aos questionamentos do campo escolar nos afeta e exige respostas para os desafios postos por essa conjuntura. A partir deste contexto, este trabalho se insere como uma das pautas emergentes que é a adultização de crianças em instituições escolares públicas.

Nesse sentido, observa-se o processo da perda da infância, com o aceleramento das fases da vida, passando a ser adultos em miniatura. Isso impede as crianças de se desenvolverem, com o seu imaginário característico da idade e espontaneidade infantil. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) considera-se como criança a pessoa com até doze anos incompletos, enquanto que entre os doze e dezoito anos encontra-se a adolescência. Ou seja, antes dos doze anos a criança é considerada ainda um ser indefeso, que necessita da atenção e cuidados dos adultos.

A adultização das crianças pode acontecer pela falta de atenção que começa em casa, na família e é impulsionada por apelos das mídias sociais. Nos lares, as responsabilidades dos adultos com o trabalho, gera cada vez mais isolamento entre a família e as crianças, fato que intensifica a problemática, levando-as a necessidade de tomarem decisões que não condizem com a sua faixa etária.

Outro fator que desconstrói o sentido de infância é a influência da mídia, que além de incentivar o consumo, através de imagens, anúncios e propagandas, sensualiza a criança. Com a ênfase ao marketing comercial se desconsidera a vulnerabilidade das crianças, que ficam à mercê do que veem e ouvem.

A escola, por sua vez, faz uso de imagens e anúncios que favorecem a quebra do sentido da infância, fato que colabora para a efervescência dessa adultização precoce, ao invés da sua reversão. Além dessas questões, ainda existem crianças trabalhando desde cedo para ajudar no sustento de suas famílias por não terem condições financeiras favoráveis, então, acabam vulneráveis a essa situação.

Outro ponto a ser considerado se refere ao uso das novas tecnologias, pois boa parcela das crianças matriculadas na rede pública de ensino tem acesso e se utiliza desse mundo tecnológico, midiático, muitas vezes sem orientação de um adulto.

Os próprios pais ou responsáveis pelas crianças, por sua vez, criam contas nas redes sociais para seus filhos ainda recém-nascidos, os vestem como adultos, cortam os cabelos no mesmo estilo; tudo para ganharem “curtidas” nas redes sociais.

Em geral, as crianças não sabem mais o que é brincar, o que é ir na casa de um amigo para fazer a tarefa da escola, correr, andar de bicicleta. Isso traz consequências causadas pela privatização do brincar.

Nessa perspectiva, tomando como referência a realidade de estudantes em algumas das escolas da rede pública do Município de Picos, pergunta-se: quais fatores que estão contribuindo para a perda da infância? É objetivo geral deste trabalho analisar como a temática da adultização infantil vem sendo percebida por docentes em três escolas municipais de Picos, Estado do Piauí.

2 MUDANÇAS NA INFÂNCIA NO SÉCULO XXI NO BRASIL

Há alguns anos as relações que se estabeleciam na criação dos filhos eram bem diferentes do que se vê hoje. As crianças brincavam, estudavam, obedeciam aos pais e respeitavam aos professores. Hoje, tais características vêm sendo quase que uma utopia diante de várias mudanças que ocorreram na sociedade.

Uma infância que requer “especialistas” não é, certamente, uma infância qualquer, mas sim, uma que supostamente necessita de um séquito de “conhecedores para lhe revelar sua verdade”. Assim, a noção de infância na modernidade se articula dentro de uma política de verdades, amparada pela autoridade do saber de seus porta vozes (CIRINO apud CASTRO, 1999, p. 24).

Atualmente, boa parte das crianças possui uma agenda lotada com horários marcados para diversos compromissos. Quando não passam o dia inteiro na escola, ao chegar em casa algumas precisam cuidar do irmão mais novo, ajudar a mãe nas tarefas de casa, outras tem hora marcada na aula de inglês, aula de dança, ballet, escolinha de futebol, etc. Os pais estão influenciados por uma sociedade que dita as regras e acabam adultizando seus filhos sem perceber, inserindo-os na vida adulta.

O fenômeno da adultização de crianças pode acontecer de diversas formas, pelo trabalho em busca de sustento familiar, pelas demandas de suas famílias e até pela falta de convivência com outras crianças.

Além dos perigos da rua, nota-se que os lugares onde as crianças costumavam brincar foram tomados pela construção de muitos prédios, casas, empresas, o que acaba dificultando o acesso ao brincar. O uso das novas tecnologias sem assistência do adulto, por sua vez, tomou para si a rotina infantil. Passaram a ser usadas pelos pais, sem uma análise crítica, como uma forma de distrair os filhos, tornando-os vítimas do marketing.

As crianças de hoje têm seus comportamentos afetados e refletidos na escola, pois não querem estudar e preferem buscar as respostas das tarefas de forma mais rápida na internet. Os jogos virtuais as influenciam, tornando-as agressivas e competitivas. O sentido de beleza se concebe de forma conflitante, assim como a fama, a moda, sendo que a busca desenfreada por isso faz com que as crianças se tornem adultas antes do tempo.

Na escola, presencia-se cada vez mais crianças com atitudes de adultos, o que para alguns pode parecer algo bom, pois se tem a ideia que estão aprendendo muito rápido, que são “inteligentes”. Esse pensamento pode ser percebido até como certa disputa entre os pais: “o meu filho é mais inteligente que o seu”.

Dentro do espaço escolar, as crianças algumas vezes não brincam quando tem essa possibilidade, não dedicam mais seu tempo para compartilhar momentos com outras crianças; estão totalmente focadas no mundo tecnológico e deixando de lado o prazer da infância. Nas próprias instituições escolares muitas vezes a criança é sobrecarregada de afazeres que não condizem com o sentido de infância.

Wallbach (2013, p. 16) diz que

Outra coisa que mudou foi à colocação, desde muito cedo, em creches e hoteizinhos para bebês. As crianças vão com quatro meses, e às vezes antes disso, para o hotelzinho, onde só é buscada depois do banho e do jantar. Isto é um fato: as mães cada vez mais estão trabalhando fora e acham mais seguro deixar seus filhos nesses lugares especializados.

É importante que as crianças brinquem sem pressa, sem medo, com brincadeiras saudáveis e que realmente possam viver a infância. Para isso, é necessário o envolvimento de todos.

2.1 A AUSÊNCIA DOS PAIS NO CUIDADO DIÁRIO COM AS CRIANÇAS

Os adultos necessitam cada vez mais estarem fora de casa para manter o sustento familiar e isso tem causado um risco na educação dos filhos. Por outro lado, quando precisam ficar em casa têm muitas dificuldades em interagir e orientar seus filhos, estando absorvidos por demandas da casa ou do próprio trabalho. Desse modo, os filhos acabam se sentindo sozinhos, abandonados, sem atenção, sentindo-se rejeitados. E os pais acabam carregando uma culpa por não conseguirem dar a atenção que deveriam. Como alternativa, muitos pais contratam pessoas para cuidar das crianças, até mesmo quando ainda são bebês ou recorrem a escolas infantis desde muito cedo. Como afirmam Neto e Pereira (2010, p. 65)

A expansão da economia acelerou o processo de retirada da produção de casa para o mercado, e a pressão pelo consumo de bens e serviços, características inerentes ao capitalismo, anteriormente produzidos no espaço doméstico, passa a apertar os orçamentos familiares, e o trabalho assalariado passa ser um instrumento também utilizado pelas mulheres.

Quando os filhos não encontram referência dentro de casa, nos pais, elas irão procurar fora do ambiente familiar, tornando-se às vezes crianças rebeldes e agressivas. E para amenizar a situação, entregam aparelhos eletrônicos para os filhos deixando-os à mercê do mundo tecnológico, esquecendo então a tamanha importância da sua presença na vida das crianças. Segundo Wallbach (2013, p.16),

A família do século XXI mudou. Ela não é mais constituída de pai, mãe e irmãos. Os casamentos deixaram de ser para sempre. Casais ficam juntos enquanto se amam e depois, se as circunstâncias da vida os separam, formam novos pares. Ela é constituída de pai que mora em outra casa, com outros filhos e outra mulher, de mãe que mora com outro pai e com outros irmãos, tem os irmãos que são do pai e da mãe, os que são só do pai, os só da mãe. Tem os pais que são separados, mas que são amigos e até frequentam uns as casas dos outros, formando assim uma grande família, e tem aqueles que são brigados e que a criança não pode contar o que se passa na casa do pai para a mãe e vice-versa. Tem as crianças que são filhos de pais homossexuais e, portanto, tem duas mães ou dois pais em casa.

Nesse sentido, pode-se pensar que as mudanças atuais interferem em como as crianças enxergam o mundo, entretanto, independente de quem compõe as suas famílias, cabe aos adultos

orientá-las, sendo suporte para o seu desenvolvimento saudável. Wallbach (2013) enfatiza que “O ambiente familiar, quando uma criança é pequena, antes mesmo de ingressar na escola, é de suma importância, uma vez que nessa fase a criança é inteiramente dependente da mãe e o fracasso, em termos de cuidado, pode originar alterações do estado emocional e até doenças psiquiátricas importantes” (WALLBACH, p. 24).

Desse modo, quando a criança não recebe os cuidados necessários para o seu desenvolvimento, ao estar em um ambiente diferente ela poderá ter dificuldade em lidar com suas emoções, afetando assim a sua convivência. Wallbach (2013. p. 45) considera que:

É muito importante que os pais se disponham a contar uma historinha no quarto do filho na hora de colocá-lo na cama, mostrar esta disponibilidade. Dar um pouco do seu tempo a seu filho e permitir que ele, aos poucos, vá pondo para dentro de si mesmo, além do gosto da leitura, o sentimento de que: “Eu sou importante para o papai. Logo, eu devo ser importante, eu tenho valor!”

Quando os pais são capazes de mostrar a criança o seu valor, a mesma não irá sofrer por se sentir abandonada, pois se sentirá importante e segura. Desse modo entende-se que “a criança precisa ser cuidada e educada, e cuidar de criança é tarefa árdua” (WALLBACH, 2013, p. 46).

É necessário educar a criança impondo limites, dizendo não quando necessário, para que não se torne um adulto frustrado diante das dificuldades enfrentadas em sua vida. Em relação ao acesso da criança à Mídia, o acompanhamento do adulto é necessário. Postman sugere que esse controle pode se dar de duas maneiras “a primeira é limitar o tempo de exposição das crianças à mídia.

A segunda é monitorar cuidadosamente aquilo a que estão expostas e fornecer-lhes continuamente uma crítica corrente dos temas e valores do conteúdo da mídia” (POSTMAN, 1999, p. 167). De todo modo, entende-se que a ausência dos pais ou de adultos responsáveis pelo cuidado diário da criança interfere no seu desenvolvimento, e, a presença, exige comprometimento com sua educação.

2.2 A CRIANÇA NO UNIVERSO TECNOLÓGICO E MIDIÁTICO

Hoje em dia toda e qualquer pessoa está sendo atingida pelo consumismo através das mídias, até mesmo as crianças que ainda estão em processo de desenvolvimento não ficam de fora, pelo contrário, são o maior alvo da mídia pela forte influência de compra.

Com a mídia é possível ficar atento a tudo que está acontecendo do outro lado do mundo, ficar atualizado de toda e qualquer informação, mas por outro lado, se não tiver cuidado, ela também é capaz de adultizar a criança. Segundo Ferreguett (2014)

A mídia também é vista como um paradoxo: de um lado, ela é o veículo primordial onde se travam os debates correntes sobre a natureza em mutação da infância. De outro lado, no entanto, as mídias são frequentemente acusadas de serem as causas originárias de tais problemas de provocarem indisciplina e comportamentos agressivos, de inflamarem a sexualidade precoce e de destruírem os laços sociais saudáveis que poderiam prevenir sua ocorrência (FERREGUETT, 2014, p. 49).

Fazer parte da sociedade do consumo é determinante para a sobrevivência de qualquer ser humano, porém o consumismo é um ato que leva o indivíduo a comprar de forma inconsciente, produtos ou serviços, sem que haja necessidade e de forma compulsiva, descontrolada, o que é influenciado pelo marketing das empresas. Esse conjunto de técnica tem como objetivo agregar valor e atribuir uma maior importância aos seus produtos, perante aos clientes a fim de induzi-los a uma compra.

Embora haja a necessidade de consumir, esse consumo deve ocorrer com consciência. Nesse sentido, Silva salienta que “consumir é preciso para viver, mas viver para consumir pode ser uma das maneiras mais eficazes de transformar a vida em uma morte existencial” (SILVA, 2014, p.23).

E quando isso acontece, deixamos de viver em um porto seguro de paz e necessidades satisfeitas para nos lançarmos em um mar revolto, em que as ondas de dívidas, remorsos e desesperos passam a tomar de assalto nossas vivências mais básicas. Sem o conhecimento sobre as diversas facetas do comprar e do nosso comportamento mental frente a todos esses fatores, somos presas muito frágeis de um sistema econômico que se alimenta vorazmente do consumismo (SILVA, 2014, p.23).

Após a industrialização criou-se uma mentalidade de que quanto mais se consome mais se tem garantias de bem-estar, de prestígio e valorização, já que em nossa sociedade atual as pessoas são avaliadas pelo que possuem e não pelo que são. A cultura consumista em que estamos inseridos nos reflete a visão de que é preciso ter para poder ser. Precisamos ter uma boa casa, ter o melhor carro, sempre ter o melhor celular, a melhor roupa, isso tudo, para podermos ser considerados pessoas valorizadas na sociedade.

Nessa perspectiva Ortigoza et al (2009) falam sobre a captura da vida cotidiana pelas forças produtivas e a concretização da sociedade de consumo, referindo-se a tomada do urbano pelo processo de produção que provoca “por meio da normatização da vida cotidiana, a generalização da mercadoria. Nesse movimento as relações sociais passam a ser mediadas por mercadoria, pois o consumo é capturado e subjuga a vida em todos os seus momentos” (Ortigoza et al, 2009, p. 23).

Dessa maneira, se pode afirmar que as crianças não nascem consumistas em nossa sociedade, mas o meio e a cultura em que elas estão inseridas podem torná-las consumistas ou não.

Certamente irão ser facilmente influenciadas pelas propagandas, e desejarão um produto porque ouviram falar que ele é bom na TV ou porque seus coleguinhas têm, dessa maneira criou-se um grande mercado infantil como mostra o trecho abaixo:

Os publicitários anunciam porque as crianças compram, [...] O fato é que desenvolveu um próspero segmento de mercado denominado infantil composto por produtos como música, comida, jogos, eletrônicos, objetos escolares, vestuário, sapatos, brinquedos, programas de TV, esportes, entretenimento e viagem (SCHOR, 2009, p. 18).

Para Wallbach (2013), as crianças estão morando em apartamentos nas grandes cidades e isso gera uma falta de segurança, não brincam nas ruas e acabam não tendo o que fazer, restando se trancarem dentro de um mundo tecnológico fazendo disso sua melhor companhia.

A convivência com os adultos acaba influenciando-as a quererem coisas de gente grande e a mídia juntamente com a tecnologia reforça essa postura. As empresas criam produtos de adultos para crianças e a cada fase que se passa elas vão apresentando comportamentos diferentes em relação ao consumismo, se tornando assim consumidoras.

É possível identificar a qual grupo a criança pertence pela marca do produto que são muitas vezes comprados por influência dos amigos. E para as crianças que não sabem ler, a mídia se utiliza de imagens.

Com a rapidez do desenvolvimento tecnológico, acelerou também as informações que estão chegando em massa até o público infantil. Esse impacto faz com que essas crianças entrem no mundo adulto sem ao menos os pais perceberem e quando se dão conta já estão comprando diferentes produtos para os seus filhos.

Agradá-los e tirar a culpa de certa ausência, são considerados alguns dos motivos pelos quais os pais deixam seus filhos entrarem nesse mundo sem se dar conta do prejuízo, entre eles, o risco de obesidade infantil, erotização precoce e adultização pelo modo de vestir, etc.

Visualizamos uma criança da época de antes da TV. Se ela quisesse brincar, era necessário ir chamar seus amiguinhos na rua, inventar brincadeiras, como jogar bola, subir em árvores, pular amarelinha, polícia e ladrão, brincar de bolinha de gude, bets, brincadeiras de roda, que proporcionam, acima de tudo, contato humano, relacionamento. E se isto não fosse possível, ela começava desde cedo a aguentar a frustração de ficar só, e talvez pegasse um livro para ler ou tivesse que inventar algo (WALLBACH, 2013, p. 62).

A tecnologia consegue encantar essas crianças, se tornam uma companhia da qual não precisam se preocupar em chamar seus colegas para brincarem, além da mídia também utilizar diversas estratégias de vendas, como por exemplo, a utilização de personagens infantis, cores alegres, comprou ganhou algo legal, dentre outras que entram no imaginário das mesmas. No

momento das compras com a família a criança consegue induzir o adulto a comprar tudo que ela quiser, e para agradecer, os pais acabam comprando.

Isso pode gerar inúmeros problemas dentre eles, a dificuldade que as crianças apresentam em acompanhar o ritmo da escola, onde as coisas não vêm prontas, onde é preciso fazer as lições, pesquisar. Inúmeras crianças não conseguem fazer isso, não toleram as dificuldades dessa espécie, ou seja, o tolerar esperar (WALLBACH, 2013, p. 62).

As crianças encontram na tecnologia algo capaz de mostrá-las que existem muitas coisas já prontas, que não precisam se esforçar para criar algo, e quando se deparam com situações a qual é necessário se esforçarem, as mesmas apresentam dificuldades por não terem praticado sozinhas, sem o auxílio das tecnologias, apresentando até mesmo dificuldades de coordenação motora, crianças que não conseguem nem mesmo escreverem.

Não é certo deixar as crianças assistirem programas que não condizem com a sua idade, dificilmente se vê algo dirigido especialmente a esse público, o que mais se passa são cenas inapropriadas onde acabam chamando a atenção das mesmas, e por descuido as crianças acabam assistindo até altas horas da noite, e sabe-se que nesse horário não tem nada relacionado a crianças, muito pelo contrário, são transmitidas cenas de violência, sexualidade, entre outros (WALLBACH 2013).

Wallbach (2013) afirma que a mídia não tem interesse em famílias que pregam e praticam bem os valores e não são fáceis de serem influenciadas, pois com isso não conseguirão manipulá-las com propagandas que as levariam ao consumismo. Então, os jogos como videogames estão tirando as crianças de um mundo real e as colocando em um mundo totalmente fictício, pois estão cada vez mais viciadas podendo vir a reproduzir o que jogam, sendo estimulada a violência. “As crianças podem ver cenas de sexo e todas as perspectivas inimagináveis apertando apenas um botão e do seu próprio quarto (WALLBACH, 2013, p. 64).”

Quando as crianças ficam a mercê de situações como essas, acabam achando que devem fazer a mesma coisa, elas têm todo o direito de explorarem as atividades sexuais, mas de acordo com a sua idade, para que não acabem vivenciando comportamentos inapropriados, e assim reproduzindo-os, tornando-se adultos desinformados, ficando expostos a violências.

A não proibição dos filhos assistirem programas não recomendados para a sua idade, faz com que vejam esse tipo de assunto através da mídia, tomando aquilo como verdade, usando na sua vida adulta, pois a criança ainda não tem o amadurecimento do julgar o que é certo e o que é errado do que ver na mídia, sendo influenciadas até no padrão de beleza, e esses tipos de assunto devem ser conversamos primeiramente com os pais.

O volume de informações é excessivo, impossível de ser digerido, de ser organizado. Como consequência tem-se visto crianças ligadas demais, hiperativas, com dificuldades de concentração, de organização e de relacionamento, por vezes agressivas demais. Crianças que não conseguem fazer amigos, que não acompanham a escola, repetem o ano, que não conseguem ler escrever (WALLBACH 2013, p. 65).

É necessário que os pais organizem as atividades de seus filhos, que não deixem nada em excesso, pelo contrário, que saibam dosar os momentos de lazer, mostrar programas que venham a contribuir para o desenvolvimento dos filhos, além de apresentar outros momentos fora do mundo virtual, como andar de bicicleta, ler um livro, brincar com os amigos, etc.

Quando os pais deixam a mercê das crianças celulares e ou computadores, está também dando a oportunidade da mídia se aproveitar da sua inocência, levando-a ao consumismo. Propagandas de crianças utilizando maquiagens, salto alto, sutiã com bojo, entre outras, faz com que ela sofra certa adultização, pois a mesma irá querer consumir.

Por isso é necessário que as crianças recebam auxílio de seus pais e até mesmo da escola, sobre como lidar com as grandes massas midiáticas, pois é preciso que elas sejam livres desta compulsão consumista que são impostas sobre elas, cabendo aos pais e a escola de formar crianças que possam refletir, questionar e analisar a quantidade de informações que a mídia e a sociedade impõem sobre todos.

3 O PAPEL DA ESCOLA E SUA RESPONSABILIDADE COM O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Entendemos que a escola é o primeiro lugar que as crianças ficam sozinhas e que os pais depositam toda sua confiança na mesma em ter todo o cuidado com os filhos depois deles, e que a escola tem o papel de transferir conhecimentos para os alunos mediando o conhecimento formal com os já adquiridos por eles no seu dia-a-dia, assim ajudando-lhes na formação moral e intelectual.

Toda a comunidade escolar é responsável formação, direta ou indiretamente os funcionários da escola ajudam a concluir esse objetivo, levando não só conteúdos a serem estudados, como também a reflexão de vida de cada um, priorizando a amizade, respeito, ética, solidariedade, justiça, etc.

Despertar o olhar crítico do aluno é de suma importância, a escola deve sempre buscar levantar questionamentos, instigando o aluno a pensar, ir em busca de resposta, olhar o mundo com uma visão mais adequada onde venha a contribuir na sua formação.

A escola deve ensinar os alunos a viverem socialmente, compartilhando momentos, conhecimentos, entender que o conhecimento do próximo pode lhe ajudar, assim como o contrário,

respeitar uns aos outros, preparar para as diferenças, fazendo o aluno entender que ninguém é igual a ninguém, por isso deve respeitar o seu colega.

Pode ser que devido a ausência dos pais na educação dos filhos, eles acreditem que isso é papel da escola, querendo que ela assuma uma responsabilidade que os mesmos deveriam ter. Não se deve jogar para a escola um papel que não é dela, pois a mesma apenas contribui desenvolvendo o seu papel como instituição, que é transferir conhecimentos, podendo apenas reforçar a boa educação que deve vir de casa.

A escola vai ajudar no desenvolvimento cognitivo, social, etc, enquanto os pais devem ensinar os valores, comportamentos, hábitos, dentre outros. Diante disso, a escola deve tratar a criança como criança, tendo os cuidados necessários para não adultizar os alunos, podendo gerar sérios problemas.

Quando a escola não interfere no modo em como as cadeiras devem ficar, deixando-as em filas, essa atitude adultiza a criança, pois sabemos que os adultos que ficam em filas. O ambiente em que a criança está inserida, ou seja, a sala de aula, deve ser um local animado, brinquedos, pinturas, papel de parede, cantinho de leitura, decoração, entre outras, para que se consiga a atenção do aluno, pois quando é um ambiente desanimado, apagado, a criança não se sente à vontade, e por detrás disso, está acontecendo uma adultização.

De acordo com Zabalza (1998, p. 50),

O espaço acaba tornando-se uma condição básica para poder levar adiante muitos dos outros aspectos-chave. As aulas convencionais com espaços indiferenciados são cenários empobrecidos e tornam impossíveis (ou dificultam seriamente) uma dinâmica de trabalho baseada na autonomia e na atenção individual de cada criança.

É de costume o professor não buscar mais conhecimentos, melhorar sua didática, fazer sua aula um momento legal, se prendendo apenas ao tradicional. Deve-se entender que a criança aprende brincando, e que existem diversas maneiras legais para que isso aconteça. Uma aula em que o professor só fala que não deixa o aluno questionar, que não se dá um momento para descontrair, isso também é adultizar.

A escola também não pode aceitar termos como “fulano namora com cicrano”, porque criança não namora, são apenas seres indefesos que reproduzem tudo que os adultos fazem, criança deve ser tratada como criança, pois caso contrário ela se tornará um adulto infantil.

Porém, com a grande expansão da mídia, a escola pode ou não ter ganhado uma aliada para a realização do seu papel, e fazendo uma análise entre a mídia, a família e a escola, Setton (2002, p.109) afirma,

[...] a educação no mundo moderno não conta apenas com a participação da escola e da família. Outras instituições, como a mídia, despontam como parceiras de uma ação pedagógica. Para o bem ou para o mal, a cultura de massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta, socializando muitas gerações.

A escola deve exercer o seu papel buscando a mídia principalmente, como sua aliada, pois se ela sozinha não é capaz de combater o caos de informações onde a maioria não deveria chegar aos alunos, ela deve formar cidadãos críticos e cientes onde os mesmos serão capazes de fazerem suas escolhas a partir de tudo que se lê e ouve em sua volta, escolhendo a melhor opção possível para uma vida digna, ou então, se a escola não conseguir desenvolver o seu papel, irá formar cidadãos que serão manipulados facilmente, incapazes de viverem sozinhos.

É notável o grande número de crianças hoje em dia presentes no nosso dia-a-dia. Estão por toda parte, seja indo pra escola, brincando nas praças com os amigos, jogando bola, passeando com os pais, indo ao shopping, enfim, para onde olhamos encontramos crianças. Ao olhar para as mesmas, na maioria das vezes se é capaz de perceber o que estão passando, se estão sendo bem tratadas em casa, se estão passando por problemas onde são forçadas a irem as ruas fazerem coisas erradas, se estão procurando alguma forma de ganhar dinheiro, etc.

Esse grande número de crianças está fazendo com que a mídia as olhem como forma de ganhar dinheiro, não é à toa que ao ligar uma televisão, passam variadas propagandas das quais aparecem crianças divulgando algum produto, alguma marca, chamando a atenção de outras crianças que assistem e assim surge o consumo infantil acelerado, onde nem mesmo os pais são capazes de controlarem, e assim se submetem a satisfazer os desejos dos filhos.

O novo mundo “moderno” vem deixando interrogações se as novas atitudes das crianças podem ser consideradas normais, se pode-se dizer que são apenas fases e logo passa. A desobediência, a falta de respeito, a falta de socialização, o não querer estudar, querer se tornar autoridade dentro de casa, falando mais alto que os pais, faz com que se tente pensar sobre o porquê estão agindo dessa forma, afinal, quem é o culpado? Diante disso se torna pertinente lembrar de quando a criança era considerada algo descartável, sem importância, onde ninguém sofria pela sua morte, ou seja, ela saiu do anonimato e hoje é cheia de direitos e deveres reconhecidos.

São inúmeros motivos que se pode ressaltar diante de tais situações. Será se os pais estão educando seus filhos de forma correta? Será se é o grande preconceito que se ver diariamente acontecendo entre os brasileiros? A mídia pode estar ocasionando essas situações desagradáveis nas crianças? São várias as questões que podem ser levantadas diante desse assunto, mas nesse mundo atual que estamos pode-se perceber que as crianças estão se fechando do seu mundo infantil e caindo no mundo dos adultos, reproduzindo as mesmas atitudes que não condizem com sua idade.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Entende-se por metodologia como a parte prática de uma pesquisa, momento em que se delinea o caminho a ser percorrido. Segundo Minayo (2001, p. 16) “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”. A autora afirma que:

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrinsecamente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática (MINAYO, 2001, p. 16).

Essa afirmação se torna relevante porque na ciência é fundamental que um percurso metodológico tenha sido respaldado teoricamente, ou seja, que alguém já tenha feito fundamentações teóricas, percorrido esse caminho para dar aos pesquisadores um norte com mais segurança e confiabilidade. Toda pesquisa é definida como um processo racional e que possui etapas, que tem como objetivo proporcionar respostas a questionamentos que não possuem informação necessária e adequada, para que se possa solucionar o problema.

Nesse sentido, para Lakatos (2010), “a pesquisa, portanto, requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

4.1 O TIPO DA PESQUISA

Para este estudo, o tipo de pesquisa utilizado foi o quantitativo-descritivo, pois este se configurou como o mais apropriado para o estudo em questão. Nesta perspectiva, segundo Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

Sendo assim, a pesquisa qualitativa se preocupa em compreender o porquê de determinados comportamentos, que no caso do estudo aqui apresentado, refere-se a adultização infantil.

Dessa maneira, a pesquisa de abordagem qualitativa surge como uma proposta de investigação que, sem perder seu caráter científico, possibilita que o investigado tenha maior participação, apropriação do processo e dos resultados obtidos.

4.2 O LÓCUS DA PESQUISA

Para este estudo, foram tomadas como campo de pesquisa 3 (três) dentre as cinco escolas públicas mais representativas, em relação ao número de alunos, da rede municipal de Picos-PI, localizadas na zona urbana da cidade.

Em um primeiro momento, a seleção dessas escolas ocorreu a partir da quantidade de alunos matriculados. Como uma das escolas selecionadas não aderiu ao trabalho de pesquisa proposto, uma terceira instituição foi escolhida aleatoriamente,

As instituições pesquisadas foram denominadas como X, Y e Z com o intuito de evitar constrangimentos e impedimentos diante dos resultados obtidos. A escola X atende 186 alunos, divididos em 9 turmas, funcionando nos turnos matutino e vespertino, atende 204 alunos, funcionando nos turnos matutino e vespertino, dividido em 10 turmas com IDEB de 3.9. A escola Z, atende 51 alunos divididos em 5 turmas, nos turnos matutino e vespertino com IDEB de 5,7.

Participaram como sujeitos da pesquisa, 6 professores do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental de cada escola.

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para coletar os dados dessa pesquisa foi um questionário. Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 201-202) e Gil (1999, p. 128-129) esse instrumento pode abranger grande número de pessoas simultaneamente. Da mesma maneira, se garante o anonimato dos entrevistados e com isso maior liberdade e segurança nas respostas, permitindo aos participantes que respondam no momento em que entenderem mais conveniente e não os expõe à influência do pesquisador.

Nesta perspectiva,

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo (LAKATOS, 2010, p. 184).

Neste trabalho, o questionário era composto por 10 (dez) questões fechadas e 1 (uma) questão aberta. A primeira questão: **Você já ouviu falar sobre a adultização de crianças?** foi organizada para se ter uma ideia deste termo, que ainda é pouco utilizado na atualidade e no meio escolar.

A segunda questão: **Como você percebe que uma criança está com atitudes diferentes em relação a comportamentos que não correspondem à infância?** Aqui, o sentido da pergunta

recai sobre como as professoras verificam atitudes e gestos das crianças em sala de aula que justificam uma aproximação com o mundo adulto, algo diferente do que o universo infantil a que elas pertencem.

Na questão de número 3: **Você acha normal criança se vestindo como adultos? Ex: uso de saltos, ternos, maquiagens, etc.** Esta pergunta foi pensada para saber como os (as) professores (as) encaram esse tipo de comportamento, se fazem alguma intervenção ao ver seus alunos se vestindo, ou mesmo se portando como adultos.

Na questão 4: **Na sua opinião, as crianças estão amadurecendo muito rápido?** Com esta pergunta busca-se saber se os docentes conseguem perceber esse amadurecimento precoce nas crianças, algo bem presente em nossa sociedade.

Na quinta questão: **Se sim, estão amadurecendo precocemente, por quê?** Nessa questão tenta-se levantar quais os pontos que justificam esse amadurecimento, ou seja, quais as principais causas da adultização das crianças.

Em relação a questão de número 6: **A escola contribui para essa adultização?** Busca-se entender se os professores acham que a escola é uma das causadoras desse processo, fazendo-lhes refletir sobre como a instituição escolar desenvolve o seu papel enfrentando essa problemática.

Na sétima questão: **A escola trabalha a adultização infantil em sala ou com eventos e palestras?** A intenção se recai em saber como a escola lida com esse problema, como a mesma tenta repassar para seus alunos se comportarem na fase em que estão, ou seja, sendo crianças.

Na questão 8: **Quais as dificuldades de se trabalhar a temática da adultização infantil na escola?** O intuito foi verificar se os docentes encontram dificuldades em trabalhar esse tema. Então, espera-se apontamentos com vistas a tentar entender o porquê dessa adultização.

Na questão de número 9: **Você aceitaria uma intervenção pedagógica em sua sala de aula sobre essa temática a ser trabalhada com os alunos?** Nesta questão se quer saber se os docentes aceitariam ou se negariam a trabalhar o assunto com seus alunos.

Na décima questão: **Em relação a família, já houve reclamações de pais sobre esse processo de adultização de crianças?** Esta questão recai em saber se os pais já perceberam algum tipo de comportamento diferente em casa, considerando a adultização infantil e se buscaram resolver com a escola, responsabilizando-a por esse processo.

A 11ª e última questão é de natureza discursiva: **No atual contexto, quais os principais motivos que levam as crianças a se adultizarem?** A questão foi aberta, deixando os pesquisados à vontade para que citassem opiniões sobre a temática em estudo. Pretendeu-se, por fim, verificar o grau de compreensão dos pesquisados sobre a temática.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao analisar os resultados obtidos através da coleta de dados realizados nesta pesquisa, chegou-se às considerações, embora que parciais – pois um trabalho de pesquisa não esgota todas as possibilidades de coleta de dados e de estudo de uma problemática, como o tema da adultização infantil, que pode apresentar dificuldades por ser um fenômeno resultante da sociedade atual.

Torna-se importante afirmar que para a análise de dados, foram consideradas as respostas mais significativas dos pesquisados. Quando os docentes foram perguntados se já tinham ouvido falar sobre a adultização de crianças, 100% dos dos professores afirmaram que sim. Isto mostra que o fenômeno da adultização é real e notório, presente na realidade de todos.

Ao serem perguntados: **Como você percebe que uma criança está com atitudes diferentes em relação a comportamentos que não correspondem à infância?** Dos seis docentes pesquisados, sessenta e seis por cento dos docentes afirmaram que os alunos imitam adultos na sua maneira, com gestos e atitudes. Isto pode ser visto na tabela abaixo:

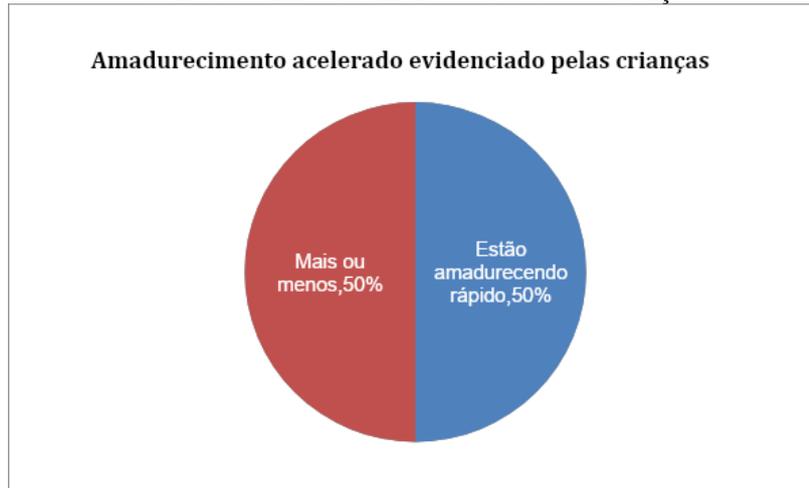
Tabela 1 - Comportamento de adultos evidenciados pelas crianças

	Incidência	Percentual
Imitando adultos	4	66,6
Não se socializa com os colegas	1	16,7
Não soube responder	1	16,7
TOTAL	6	100,0

Ao responderem **Você acha normal criança se vestindo como adultos?** Todos os professores disseram que não, ou seja, mesmo que a adultização precoce das crianças seja percebida, os docentes entendem não ser um fenômeno natural da sociedade. As crianças precisam viver a infância e é adequado que os adultos que cuidam das mesmas coloquem limites para que consigam ter uma infância saudável.

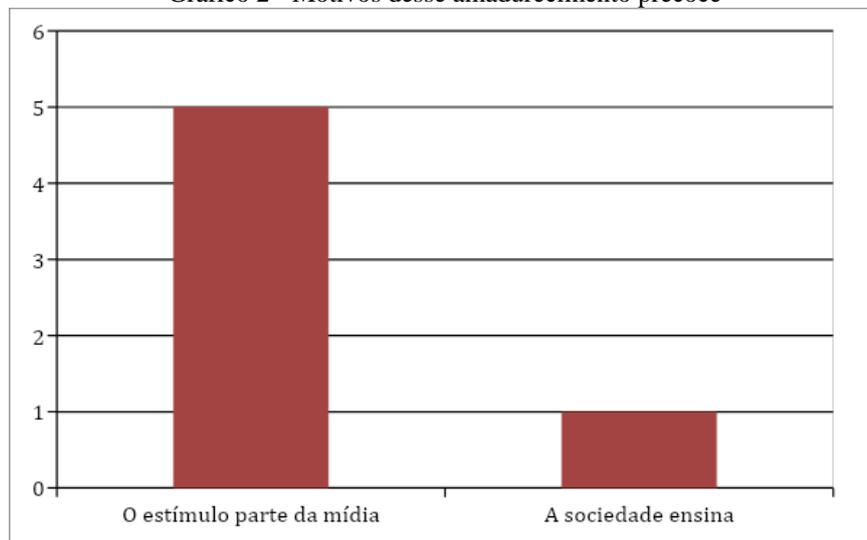
Na questão **Na sua opinião, as crianças estão amadurecendo muito rápido?** 50% dos docentes pesquisados disseram que sim. Isto pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Amadurecimento acelerado das crianças



Quando indagados se as crianças estão amadurecendo precocemente e por que, 83% dos docentes afirmaram que sim e que isso se deve em função da mídia. Os pais não estão percebendo que seus filhos estão cada vez mais maduros, e principalmente que os mesmos estão forçando esse amadurecimento. Ao colocar muitas atividades para as crianças desenvolverem desde pequenas, para que sejam crianças intelectuais, inteligentes, participando de várias aulas, e principalmente quando as expõem no mundo virtual ficando a mercê da mídia e todas as coisas negativas que elas também trazem, tudo isso força o seu amadurecimento precoce.

Gráfico 2 - Motivos desse amadurecimento precoce



Na pergunta **A escola contribui para essa adultização precoce?** Apesar de saber que ainda existem professores que não ensinam as crianças através de brincadeiras e jogos, o que seria adequado para crianças pequenas, todos responderam que não.

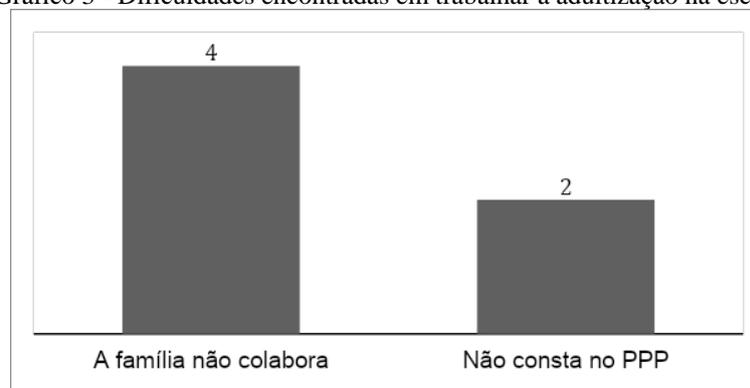
Na seguinte questão: **A escola trabalha a adultização infantil em sala de aula ou com eventos e palestras?** 50% dos docentes disseram que não. É de total importância a escola, de forma geral, trabalhar com esse tema que vem sendo tão presente na nossa sociedade, prejudicando o desenvolvimento das crianças, tentando intervir nesse fenômeno.

Tabela 2 - Se a escola trabalha com a adultização infantil

	Incidência	Percentual
Não trabalha com o tema	3	50,0
Trabalha com o tema	2	33,3
Uma vez ou outra	1	16,7
TOTAL	6	100,0

Na questão: **Quais as dificuldades de se trabalhar a temática da adultização infantil na escola?** Sessenta e seis por cento dizem que a família não colabora com este tipo de temática, não se importando de uma forma direta com a escola. Mesmo que a escola tente buscar soluções para que diminua esse problema, é quase impossível obter um total sucesso sem a contribuição dos pais, pois é dentro de casa que já se deve ter essa consciência do quanto prejudicial é essa adultização infantil. Cabe a escola, como um segundo lugar de desenvolvimento da criança, reforçar essas informações.

Gráfico 3 - Dificuldades encontradas em trabalhar a adultização na escola



Na questão: **Você aceitaria uma intervenção pedagógica em sala de aula sobre essa temática a ser trabalhada com os alunos?** Cinquenta por cento dos docentes responderam que precisariam falar com a gestão/direção da escola para ver se ela autoriza. Na questão seguinte: **Em relação a família, já houve reclamações de pais sobre esse processo de adultização de crianças?** 100% dos professores responderam que não.

Na única questão aberta: no atual contexto, **quais os principais motivos que levam as crianças a se adultizarem?** Todos os docentes apontaram a mídia, a família e a sociedade como os

principais motivadores para essa adultização. Esses três motivos apontados pelos seis professores, se mostram de fato serem os principais causadores dessa adultização, pois a mídia induz a criança a ser o que ela ainda não pode, um adulto, e os pais acabam cedendo aos desejos dos filhos e até aos seus para seguir os padrões da sociedade, que na grande maioria sempre dita as regras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da história, a infância passou por grandes transformações. Antes, a criança era relegada a último plano. Aos poucos, passou a conquistar seu reconhecimento na sociedade. Hoje, no entanto, vemos que a mesma sociedade que legitima esse ser social, usa de poder para manipulá-la e sujeitá-la a pressões sociais. E percebemos que tudo indica para uma infância a caminho do desaparecimento.

A mídia é um dos fatores que têm grande influência para a adultização das crianças. As músicas que as crianças cantam não são mais infantis. Maquiagem, roupa, sapato, copiam o adulto como se os gostos fossem os mesmos. Abraçar e pegar na mão do filho é considerado motivo de vergonha. Crianças trabalham e apresentam programas infantis. Os jogos infantis são repletos de violência. Campeonatos infantis, que antes eram momentos de lazer, hoje são motivo de cobrança por resultados.

Os interesses econômicos acabam levando as crianças a serem consumidores em potencial e cada vez mais cedo. Cabe aos pais interferirem com firmeza e equilíbrio nesse processo, impedindo esse crescimento acelerado e respeitando o processo de desenvolvimento de seus filhos. As crianças precisam de tempo para crescer e pressioná-las ou permitir que elas vivam como adultos, poderá levar a dificuldades, inseguranças e conflitos no futuro.

É comum vermos crianças desde muito pequenas escolhendo suas próprias roupas, o que desejam comer e os programas da família. Muitos pais sentem-se orgulhosos da autonomia dos filhos, porém, às vezes, falta equilíbrio no lar e a criança que se acostuma a ser o centro das atenções da família e ter todos os seus desejos satisfeitos, acaba tendo dificuldade em dividir e em lidar com frustrações, principalmente no que diz respeito a interações sociais.

Outros fatores que contribuem com a adultização infantil são os perigos da cidade, que fazem com que as crianças brinquem mais sozinhas em apartamentos. Além disso, a rotina corrida dos adultos, torna cada vez mais difícil para os pais encontrarem tempo para interagirem e orientarem seus filhos, impossibilitando também de levarem as crianças a parques e ambientes infantis, tornando mais raro que as crianças brinquem com outras crianças.

As crianças que convivem muito com adultos podem ter seu desenvolvimento intelectual estimulado, porém, a interação entre os pares fica dificultada. Esse convívio é muito importante para o desenvolvimento emocional e nesse ponto podem começar os problemas. As consequências acabam aparecendo em algum momento: excesso de tensão, preocupação com o futuro, com a profissão, auto cobrança pelo melhor desempenho, etc.

Elas acabam entrando em contato com sensações e situações para as quais ainda não se desenvolveram emocionalmente para lidar. Decorrente das questões que as crianças enfrentam sem estarem preparadas, aparecem casos de doenças, que, antes destas mudanças culturais, eram características dos adultos, como por exemplo: colesterol, hipertensão, estresse, ansiedade, depressão, insônia, entre outras.

Sendo assim, para evitar estes problemas, a criança precisa ter tempo para estudar, descansar e principalmente brincar com outras crianças, uma vez que a brincadeira relaxa e estimula a criatividade de maneira saudável, sendo a oportunidade de aprender a se relacionar com seus pares, dividir, cooperar, esperar e respeitar limites, desenvolvendo habilidades sociais que serão importantes e determinantes para seu sucesso nas relações pessoais, sociais e profissionais na vida adulta.

O convívio com os pais também é muito importante e se torna muito positivo quando além de dar bons exemplos com atitudes e orientações sobre valores, esses demonstram interesse pelo universo infantil, se disponibilizam para compartilhar momentos e brincadeiras com as crianças, valorizando suas competências e habilidades compatíveis com a idade.

Através desta interação saudável, amorosa e positiva com suas crianças os pais estarão construindo lembranças, descobertas e experiências infantis em família, que influenciarão as crianças pela vida inteira, aumentando a probabilidade de tornarem-se adultos mais seguros, tranquilos e felizes. Por fim, entendemos que as ações serão isoladas e pouco significativas se não houver um engajamento de todos: família, escola, poder público e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069/1990. 5. ed. Natal: CONSEC (Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente), 2008.
- BRASIL. Lei n.9394, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Editora do Brasil.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília, DF: MEC, 1998.
- BUJES, Maria Isabel E. Escola Infantil: pra que te quero. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHEER, Gládis E. (orgs.). Educação Infantil pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CIRINO, Oscar. Psicanálise e Psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- DALBOSCO, Cláudio Almir. Primeira infância e educação natural em Rousseau: as necessidades da criança. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 2 (62), p. 313-336, maio/ago. 2007.
- FERREGUETT, C. Relações dialógicas em revista infantil: processo de adultização de meninas. 243 f. Tese (Doutorado em Estudo de Linguagens) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- HEYWOOD, Colin. Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KUHLMANN Junior, Moisés. Instituições Pré-Escolares no Brasil. Caderno de Pesquisa . São Paulo, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- ORTIGOZA, Silvia; et al. Da produção ao consumo: Impactos socioambientais no espaço urbano. São Paulo: Unesp, 2009. 146p. Disponível em: http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Da_producao_ao_consumo-NOVA%20P4.pdf . Acesso em 15/09/2020.
- POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- SCHOR, J. B. Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo. São Paulo: Ed. Gente, 2009.
- SETTON, Maria da Graça Jacinto. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, jan./jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 15/09/2020

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Beatriz. Mentis consumistas: do consumismo à compulsão por compras. São Paulo: Globo, 2014. 114p. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/6231244/mentis-consumistas> . Acesso em 15/09/2020.

WALLBACH, Edna Maria Romano. A criança do século XXI: as crianças mudaram ou foi o mundo que mudou? Reflexões psicanalíticas da contemporaneidade. Curitiba: Juruá, 2013.